



**A EJA E A ESCOLA DO FUTURO: ESTUDO DE CASO DE UMA PRÁTICA
DOCENTE INOVADORA DESENVOLVIDA NO AGRESTE PERNAMBUCANO.**

Fernanda Alves Nunes¹
Maria Gerlaine de Melo Barros
Maria Luciana de Melo Silva Costa

RESUMO

A prática docente sofreu grandes impactos com a pandemia, tendo que se reinventar e buscar caminhos para auxiliar na continuação do processo educativo. As diversas modalidades de ensino foram impactadas com as inúmeras alterações, principalmente a Educação de Jovens e Adultos, que atende a parcela da população que não conseguiu concluir seus estudos no tempo hábil e dentro do ensino regular. Com a dura realidade perpetuando, era necessário que as escolas discutissem em suas salas de aula sobre temas como: vacinação e conscientização. Tendo em vista a importância do ensino científico nas instituições. O trabalho apresentará uma atividade disruptiva, sobre consciência social e vacinas, realizada na EJA da Escola Pe. José Augusto localizada em Bonito, interior Pernambucano.

Palavras-chave: EJA; Prática docente; Ensino de Ciências.

ABSTRACT

The teaching practice suffered great impacts with the pandemic, having to reinvent itself and find ways to help in the continuation of the educational process. The various types of education were impacted by the numerous changes, especially Youth and Adult Education, which serves the portion of the population that was unable to complete their studies in a timely manner and within regular education. With the harsh reality perpetuating, it was necessary for schools to discuss topics such as vaccination and awareness in their classrooms. Considering the importance of scientific teaching in institutions. The work will present a disruptive activity, about social awareness and vaccines, held at the Youth and Adult Education of the School Pe. José Augusto located in Bonito, in the interior of Pernambuco.

Keywords: Science Teaching, Teaching Practice, Youth and Adult Education

INTRODUÇÃO

A prática docente precisa estar em constante renovação. Professores de todo o mundo tiveram que se reinventar e reinventar a sua prática. A pandemia trouxe essa inquietude para as instituições e para as salas de aula. Que deixaram de ser dentro dos prédios escolares e se

¹ fernandaalvesword@gmail.com



mesclaram com as casas dos alunos (SANTANA E SALES, 2020). O chão escolar mudou tão completamente que se iniciou um processo de adaptação em massa. Família, escola, alunos e professores tiveram que buscar caminhos para tornar o ensino-aprendizagem possível. Deixou-se de falar sobre família na escola, agora as escolas é quem precisavam entrar dentro das famílias, das múltiplas realidades.

A pandemia do novo coronavírus escancarou outra realidade de extrema desigualdade ao acesso digital, a falta de políticas públicas que agilizem a infraestrutura digital, e a priorização da formação dos professores em competências digitais, pois, ensinar e aprender hoje sem o digital é privar os estudantes de oportunidades para vivenciar dimensões importantes para sua vida pessoal, profissional e social (MORAN, 2020). Esse é o contexto em que encontramos o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A EJA tem o objetivo de atender pessoas que não conseguiram concluir os estudos no tempo hábil e no ensino regular (BRASIL, 2017). Possui em seu público desde jovens a idosos que procuram finalizar mais uma etapa em sua vida escolar ou aprender algo novo. Essa modalidade de ensino é repleta de especificidades. Atende a um público com grande diversidade social, econômica, etária, com histórico repetitivo de exclusão escolar durante a infância e adolescência, que não pode ser ignorado na elaboração dos currículos escolares (JORGE; GARCIA, 2021).

O ensino remoto só veio reforçar essa diversidade e mostrar como os profissionais e as instituições não estão preparados para lidar com este público de forma adequada e equitável. As chamadas “subdisciplinas” foram excluídas das prioridades para o momento remoto. O ensino de ciências foi colocado de lado, dando lugar a necessidade de apresentar de forma possível o português e a matemática. Impossibilitado de falar de pandemia e não falar de ciências, foi discutido quase diariamente a importância e o porquê das vacinas, das máscaras e do isolamento social (BORBA *et al.*, 2020).

Tendo como base a importância do conhecimento científico dentro das aulas no período de pandemia e da necessidade de inclusão do público da EJA nas atividades remotas (MUNHOZ, 2021). O presente estudo tem o objetivo de apresentar uma atividade, sobre conscientização e vacinas, realizada de forma remota com o público da EJA (ensino fundamental) da Escola Pe. José Augusto localizada em Bonito, interior de Pernambuco.



REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos anos, a Educação de Jovens e Adultos vem sendo repensada de modo a considerar o contexto social de seu público e as experiências vividas fora da escola, mas que fazem parte do mundo desses aprendentes. Para Freire (1999), existe uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, que se verifica na problematização do seu cotidiano e que resultam em respostas diferentes para as mesmas situações. Nesse sentido, diz que a “sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio.” (p. 40).

Pesquisadores (FREIRE, 1999; OKADA, ROSA; SOUZA, 2020) destacam a importância do pensamento crítico que além de proporcionar o conhecimento da realidade e seus significados deve preparar o sujeito para que de forma ativa possa provocar mudanças que permitam transformações. Nesse sentido, contribui que:

Para ser crítico, é necessário pensar-agir-refletir visando melhorias (práxis). Também, envolve ler e escrever o mundo - não apenas identificando palavras, mas também entendendo seus significados, razões, consequências, objetivos, contexto, referências e evidências. (OKADA, ROSA; SOUZA, 2020, p.8)

Ao direcionar o olhar para o ensino de Ciências, no contexto escolar atual, percebe-se uma prática docente ainda fortemente baseada na transmissão ou definição de termos científicos, cabendo aos educandos decorá-los. Essa prática muitas vezes utiliza-se de atividades que não induzem a criticidade e se satisfazem com respostas que não incentivam a reflexão, prejudicando ou inviabilizando uma efetiva aprendizagem. Verificamos muitas críticas em relação às metodologias tradicionais de sala de aula e ao mau uso do livro didático (POSSOBOM; OKADA; DINIZ, 2003), essa situação também representa um dos grandes desafios para a prática docente na Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, mesmo com dados evidenciando a importância da Ciência para compreensão do mundo em que vivemos, uma das características do processo de escolarização atual é uma prática que ainda

obriga os alunos a memorizar os conhecimentos já comprovados, que não são usados nem nas próprias classes dessa área. As experiências – quando existem – se reduzem a uma receita, o chamado método científico, em vez de serem planejadas para que os alunos resolvam um problema experimental



procurando uma resolução e uma explicação quando então possibilitaria a presença de alguns aspectos culturais e motivacionais neste ensino (CARVALHO, 2007, p. 27).

Para Sasseron (2015), o conhecimento das ciências exige comprometimento com as constantes transformações que acontecem no mundo, sendo importante uma busca ativa por entender as novas concepções dos fenômenos naturais, seus impactos e reflexos sobre nossa vida. Dessa maneira, no cenário atual pandêmico que resultou na suspensão das aulas presenciais por força do protocolo de prevenção a Covid-19, muitos estudantes foram apartados do processo escolar, com a EJA não foi diferente, principalmente devido às vulnerabilidades pertinentes a essa modalidade de ensino. Casos de falta de acesso aos dispositivos digitais móveis, a Internet e falta de habilidade no uso dos mesmos contribuíram para essa realidade.

Nesse sentido, a ação do professor da EJA também precisa ser ressignificada, a fim de atender satisfatoriamente às demandas de um cenário escolar não presencial, no qual a maioria dos educandos não dispõe de recursos digitais ou apresenta imperícia no uso dos mesmos; encontrar saídas para driblar a ineficácia das políticas educacionais tantas vezes omissas para as especificidades desse público. Esses são alguns dos desafios de uma prática docente construída no período da pandemia, importando também considerar que o próprio professor muitas vezes não dispõe de habilidades para mediação por meio de recursos digitais.

Contribuindo com essa perspectiva, Pacheco (2019) diz que é justamente nessa linha de conflito que se manifesta a ação operante da mudança, “o conflito que provoca evolução”(p.15), uma situação que, se não refletisse o paradigma da crise estrutural do sistema escolar, estaria antevendo a poeira escondida por baixo do tapete que o furacão da pandemia evidenciaria, desse modo, o referido autor, advertiu que “raramente nos apercebemos de que tais fenômenos são consequências de uma determinada escolarização da sociedade e de que é necessária e urgente conceber uma nova escola para um novo mundo”(p.21). E diante de tudo que se apresenta, “partilhamos de uma mesma responsabilidade de pensar o que nos acontece no presente, com os olhos alargados no tempo”. (NÓVOA; ALVIN, 2021, p. 4)

METODOLOGIA

O público escolhido foi a Educação de Jovens e Adultos, ensino fundamental, fase 2. Dentro da turma, com 30 estudantes, havia jovens e idosos. Sendo assim toda a metodologia



foi pensada para conseguir lhes atender da melhor forma possível. Foram quatro encontros (últimas semanas de Março de 2021) ao longo de duas semanas. Ocorreram momentos síncronos e momentos assíncronos. Tendo como plataformas digitais: Whatsapp, Google Meet e Google Forms. A temática trabalhada foi “consciência social e a vacinação”.

O primeiro encontro foi destinado a conhecer a turma e a selar acordos de convivência ao longo das duas semanas. Conhecer a realidade do seu aluno é essencial, pois, permite uma prática melhor estruturada e bem direcionada. Para isso, foi passado um formulário online com algumas perguntas sobre eles e suas rotinas. Em seguida, foi selado o acordo de convivência, principalmente em relação as câmeras e aos microfones. Mostrar respeito e empatia pelas opiniões dos alunos é de extrema importância para o desenvolvimento das aulas.

Para o segundo encontro, foi passado um formulário online questionando os alunos sobre a vacinação, se eram contra ou a favor. Em seguida, foram expostos alguns vídeos, podcasts e textos sobre a temática. Todos os conteúdos eram apresentados dentro do próprio Google Meet, expondo os diversos formatos para os estudantes. Após os conteúdos, iniciou-se um debate, na qual eles puderam expor suas opiniões e posicionamentos.

Após o segundo momento e o fechamento da primeira semana, foi realizado um momento assíncrono via Whatsapp. Foi encaminhado para o grupo um *escape room* com a temática. Nessa atividade eles eram convidados a escapar de uma situação, na qual através das respostas certas eles podiam convencer as pessoas a tomarem a vacina e assim conseguirem chegar vivos até o final.

No terceiro encontro, assim que eles chegaram foram convidados a responder outro formulário online, com a mesma pergunta do último. Após a aplicação, trabalhou-se temas como: criação da vacina, surgimento de doenças virais e evolução. Em seguida, os alunos foram convidados a escrever em um papel o nome de uma pessoa que havia falecido por pela infecção por coronavírus. Nesse momento eles deveriam abrir a câmera e mostrar o cartaz. A aula foi finalizada com a seguinte atividade: eles deveriam descobrir alguém que era contra a vacina e convencê-la a tomar. No último dia eles trariam esses relatos.

No quarto e último encontro os alunos trouxeram seus depoimentos acerca do processo argumentativo das vacinas. A maioria teve sucesso em convencer as outras pessoas a tomarem.



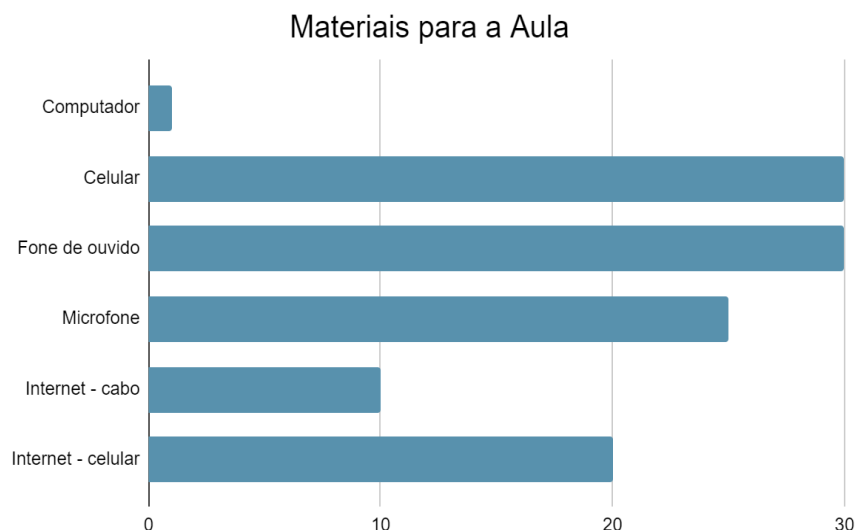
Os relatos positivos e as mudanças de pontos de vista em relação à temática demonstram a importância de se trabalhar ciências no dia-a-dia escolar.

Os dados obtidos foram plotados em gráficos, gerados via Excel, que é uma plataforma que permite o planilhamento, a plotação e a análise de dados quantitativos. Em seguida, foi realizada uma análise qualitativa das informações levando em consideração os diversos contextos: desenvolvimento da aula, conhecimentos prévios dos alunos, acesso à informação e empatia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O momento contou com a participação de 30 alunos da EJA. Inicialmente foi realizado uma diagnose para compreender a realidade dos estudantes. De acordo com o gráfico 1, eles possuíam acesso a aparelho celular e a internet, permitindo que assistissem às aulas síncronas. Todavia, como a maioria fazia uso de internet do celular era importante levar atividades que não consumissem tanto os dados móveis. Por esta razão, as escolhas das plataformas ficaram reclusas as mais simples e comuns.

Gráfico 1: Diagnose sobre acessibilidade dos alunos para os encontros síncronos e assíncronos.



Fonte: As autoras

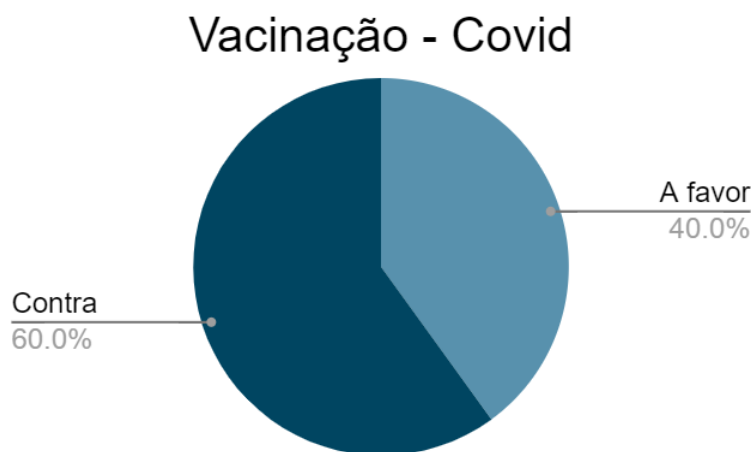
Após a realização da diagnose, foi feito um acordo de convivência com os estudantes para evitar constrangimentos e trazer mais liberdade e independência para eles. As câmeras poderiam permanecer desligadas, mas quando fosse solicitado a abertura deveria ser feita. Eles



poderiam fazer uso do chat e do microfone de forma livre, desde que o tópico discutido fosse o tema da aula. E não haveria prints, mesmo com as câmeras fechadas. Depois dos acordos selados, foi perceptível que eles ficaram mais tranquilos, menos receosos, mesmo tendo uma pessoa diferente em sua realidade. De acordo com Aquino *et al.* (2020) as relações afetivas e de respeito dentro da Educação de Jovens e Adultos são essenciais para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

O segundo encontro foi iniciado com um formulário online, perguntando o posicionamento deles em relação à vacinação. O gráfico 2 mostra que a maioria dos alunos eram contra a vacinação. A falta de acesso à informação e conhecimento crítico leva muitas vezes as pessoas tomarem decisões baseadas na influência de outrem (AVELAR, 2020). Para auxiliar na aquisição da informação, foi iniciado um momento de exposição de conteúdos, na qual os alunos puderam ter acesso a vídeos, podcasts e textos sobre a temática em debate. Os materiais foram projetados pelo Google Meet e eles assistiam em conjunto, para evitar sobrecarga do aparelho e da internet.

Gráfico 2: Posicionamento em relação a vacinação, anterior aos debates.



Fonte: As autoras

O encontro foi finalizado com um debate acerca da temática. Nesse momento foi possível observar os conhecimentos prévios se mesclando com os conceitos que foram apresentados. Em nenhum momento houve a quebra dos saberes prévios, pois, o objetivo era a transformação e a construção de novas opiniões. Para tornar a aprendizagem realmente significativa. O debate estimula a argumentação dos alunos, levando-os a um processo de

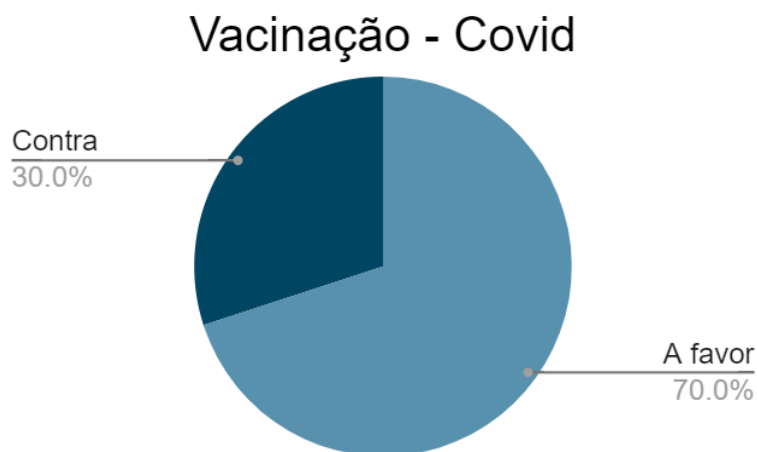


metacognição (LOPES; GOMES, 2020), importante caminho para uma mudança de posicionamento.

Ao encerrar a primeira semana os alunos foram convidados via Whatsapp a realizar uma atividade com o *escape room*. Eles tinham que fugir de uma situação, a escolha das respostas corretas convencia os personagens a tomarem a vacina e assim eles, os jogadores, poderiam chegar ao final com vida. Durante o percurso eles eram expostos a dados e argumentos científicos que ajudariam no desenvolvimento de seus ideais. A utilização dessa metodologia estimula a criatividade, a curiosidade e instiga o estudante a realizar a quebra das criptografias (VERGNE, SMITH; BOWEN, 2020).

No terceiro encontro os alunos foram colocados para responder a mesma questão, se eles eram a favor ou contra a vacinação. O gráfico 3 mostra um aumento de 30% nas respostas a favor da vacinação. Demonstrando que muitas vezes a falta de conhecimento sobre determinados assuntos, torna-se uma grande barreira para a tomada de decisões coerentes e conscientes.

Gráfico 3: Posicionamento em relação a vacinação, posterior aos debates.



Fonte: As autoras

Depois do formulário, foi apresentado aos alunos os seguintes temas: criação da vacina, surgimento de doenças virais e evolução. A importância de conhecer a parte biológica fortalece os conhecimentos e os argumentos dos alunos. Em seguida eles foram convidados a escrever em um papel o nome de uma pessoa que eles conheciam que havia falecido pela infecção do



coronavírus, em seguida tinham que abrir as câmeras e mostrar. Os próprios estudantes iniciaram a reflexão acerca da virulência da doença. O momento foi repleto de empatia entre eles. De acordo com Silva e Nunes (2020) a utilização de sentimentos coletivos, como: empatia, gratidão e compaixão; dentro do processo educacional estimula a tomada de consciência acerca de temas sociais.

Para encerrar o terceiro encontro os alunos foram convidados a descobrir alguém que era contra a vacinação e convencer essa pessoa do contrário. E trazer para o último dia os depoimentos. O retorno com os resultados foi muito positivo, a maioria dos alunos disse que havia convencido as pessoas e que usaram argumentos “mais científicos”, eles se sentiram orgulhosos por estarem distribuindo seus saberes, percebendo a importância do aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivendo uma era negacionista, na qual parte da população questiona conceitos já estabelecidos. Muitas vezes as parcelas mais pobres e envelhecidas da sociedade são atingidas fortemente pela influência das *fake news* e pelas opiniões de outros. A Educação de Jovens e Adultos atende parte dessa parcela. Sendo assim, é de extrema importância que as instituições e os profissionais busquem caminhos para levar o letramento científico de forma acessível para as salas de aula. Com a pandemia, e consequentemente o afastamento físico das instituições de ensino, o processo educacional sofreu com a repentina adaptação, sendo a EJA uma das modalidades mais impactadas. Tendo consciência de todos os aspectos já citados é necessário se pensar e aplicar metodologias que busquem levar educação de forma justa e equitável. O presente estudo demonstrou com dados quantitativos e qualitativos a importância de debates e métodos que estimulem o pensamento crítico e a consciência coletiva sobre temas relevantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, M. G. S; SANTOS, R. G; MAMEDES, R. F. As relações afetivas na educação da EJA. **Congresso Nacional de Educação**. 2020
- AVELAR, E. A. V. Sujeitos da educação de jovens e adultos da UFMG e o acesso à informação no mundo digital e na prática cotidiana: desafios. **Tese (Doutorado em Ciências da Informação)**. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p.182. 2020



BORBA, R. C; TEXEIRA, P. P; FERNANDES, K. O. B; BERTAGNA, M; SOUZA, L. H. P. Percepções docentes e práticas de ensino de ciências e biologia na pandemia: uma investigação da Regional 2 da SBEnBio. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, p. 153-171, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

CARVALHO, A. M. P. Habilidades de Professores Para Promover a Enculturação Científica. **Revista Contexto & Educação**, Unijuí, RGS, ano. 22, nº 77, p. 25-49, jan/jun. 2007.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. **Editora Paz e Terra**, 1967.

JORGE, C. M; GARCIA, S. R. O. A Invisibilidade Da EJA Na BNCC: Reprodução Da Estrutura Social Excludente. In: **Congresso Internacional Ensino Médio e Educação Integral na América Latina**. 2021.

LOPES, B. E. R; GOMES, B. M. A Relação Entre A Aprendizagem Significativa E A Argumentação No Ensino De Ciências. **Educação Básica Revista**, v. 6, n. 1, p. 95-106, 2020

MORAN, J. **A culpa não é do online – Contradições na educação evidenciadas pela crise atual**. 2020. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/?p=1506>. Acesso em: 20 jul. 2021

MUNHOZ, T. N; MAGALHAES, E. P; SOARES; L. S; OLIVEIRA, L. M. S. Z; SILVEIRA, M. G; MARQUES, V. A. A utilização de mídias digitais para divulgação do conhecimento científico sobre saúde mental durante a pandemia do COVID-19. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 182-192, 2021.

NÓVOA, A; ALVIM, Y. C. COVID-19 e o fim da educação 1870 – 1920 – 1970 – 2020. (2021). In: **Revista História da Educação**. Vol. 25. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/110616/pdf> . Acesso em 23 de jul. 2021.

OKADA, A; ROSA, L. Q; SOUZA, M. V. Escolarização aberta com mapas de investigação na educação em rede: apoiando a pesquisa e inovação responsáveis (RRI) e a diversão na aprendizagem. **Revista Exitus**, 10(1), e 020054. 2020

PACHECO, J. Inovar é assumir um compromisso ético com a educação. Rio de Janeiro: **Editora Vozes**, 152p. 2019.

POSSOBOM, C. C. F; OKADA, F. K; DINIZ, R. E. S. As atividades práticas de laboratório no ensino de Biologia e Ciências: relato de uma experiência. In : **Universidade Estadual Paulista – Pró-Reitoria de Graduação**. (Org.). Núcleos de Ensino. São Paulo: Editora da UNESP, v. 1, p. 113-123, 2003.

SANTANA, C. L; SALES, K. M. B. Aula Em Casa: Educação, Tecnologias Digitais E Pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020.

SASSERON, L. H. Alfabetização Científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre Ciências da Natureza e escola. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**



(Belo Horizonte) [online]. 2015, v. 17, n. spe [Acessado 24 Julho 2021] , pp. 49-67.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-2117201517s04>>. Epub Nov 2015. ISSN 1983-2117. <https://doi.org/10.1590/1983-2117201517s04>.

SILVA, L. A. S; NUNES, M. A. S. N. Desenvolvimento da empatia na educação: o estado da arte. *In*: VERSUTI, F. M; MULLE, R. L. D; PERALTA, D. A; GONÇALVES, H. J. L.

Perspectivas de atuação no caos: textos e contextos. Porto Alegre: Editora Fi. 2020. p. 85-109.

VERGNE, M. J; SMITH, J. D; BOWEN, R. S. Escapar da sala de aula (remota): uma sala de fuga online para aprendizagem remota. **Journal of Chemical Education** , v. 97, n. 9, pág. 2845-2848, 2020.